DONA IRENE COMO PRECURSORA DA CALDEIRADA DE ITAPISSUMA-PE

William Gama da Silva[1]

RESUMO: Com este estudo pretende-se abordar as questões relacionadas ao processo de reconhecimento memorial de personagem que fez história na comunidade, narrando a sua trajetória no processo de criação da caldeirada e de como esses comerciantes passaram a apropriar-se desse objeto como um bem pertencente a sua cidade. Neste, o presente estudo abordará questões de valorização de bens culturais patrimoniais culinários através de personagem morador da própria cidade, que contribuiu para a valorização da cultura de sua comunidade local. Maria Irene da Silva, mais conhecida por Dona Irene, foi a cozinheira que criou a famosa caldeirada de Itapissuma. Devido ao fato dela ter sido a precursora dessa culinária, Dona Irene, teve seu reconhecimento notório nesta cidade e em diferentes lugares, valorizando a cultural local deste município. O presente estudo tem como objetivo preservar a sua memória como personagem principal que contribuiu para história sociocultural de Itapissuma. A pesquisa será abordada através de seu último relato em que Dona Irene concedeu em sua última entrevista concedida em 17 de novembro de 2018, juntamente com o depoimento de comerciantes que conviveram com Dona Irene antes de seu falecimento.

PALAVRAS-CHAVE: Caldeirada de Itapissuma; Dona Irene; Memória.

INTRODUÇÃO

A comerciante Maria Irene da Silva, mais conhecida por Dona Irene, foi a cozinheira que criou a famosa caldeirada de Itapissuma, culinária bastante conhecida em diferentes regiões. Dona Irene utilizou de seus saberes da arte de cozinhar, e criou a receita que lhe trouxe notoriedade e reconhecimento local e internacional, promovendo a ascensão cultural deste lugar. Itapissuma é um município que faz parte da Região Metropolitana do Recife, que se situa no litoral norte do Estado de Pernambuco. Com este destaque, a cidade passou a ser chamada de Capital Pernambucana da Caldeirada, através de um projeto de Lei Estadual N° 15.267, de 10 de Abril de 2014, onde Itapissuma recebeu do Governo Estadual, esta homenagem.

[1] Mestrando em História (Mestrado Profissional) da Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP (2020).

O objetivo deste estudo, é trazer uma narrativa que corrobore com esta trajetória inicial, a partir do viés mencionado por Dona Irene através de seu último relato de entrevista e de pessoas próximas que conviveram com ela. Nesta perspectiva, a abordagem desta pesquisa, não é só destacar a importância dessa trajetória de Dona Irene, mas, também, da importância que ela teve como personagem que fez história na comunidade, onde a mesma deu a sua contribuição sócio cultural, de forma significativa e que influenciou diretamente na historiografia local deste lugar.

RELATO DE ENTREVISTA DE DONA MARIA IRENE

Dona Irene concedeu sua última entrevista em 17 de novembro de 2018, no polo gastronômico que fica localizado no centro de Itapissuma. Neste relato, ela abordou a questão de como surgiu a primeira caldeirada de Itapissuma, onde ela mencionou, que a mesma foi criada de forma inesperada, e que este novo cardápio se destacou dentre os demais. Comerciantes locais logo desejaram obter a nova receita, que fez sucesso entre os novos clientes. Neste aspecto, vemos a importância do contexto dos saberes populares produzidos pela própria comunidade, onde Dona Irene colocou em prática esses saberes e que mesmo sem ter desejado produzir um novo cardápio, ela fez com que esses saberes se transformassem num bem comum a todos de sua comunidade local. A seguir, trecho do relato transcrito de Dona Irene, mencionando como surgiu a primeira caldeirada de Itapissuma.

> A caldeirada de Itapissuma, surgiu no momento bem especial. Eu vendia sempre um pratinho de ostra, um pratinho de sururu, pratinho de filé de siri, um pratinho de camarão. Aí já numa tarde, chegou um grupo de gente de barco vindo pelo Canal de Santa Cruz. Veio mais uma caminhonete da mesma família, do mesmo grupo, das mesmas lojas chegaram. Dona Irene, a gente está morrendo de fome e viemos fazer uma confraternização aqui no seu box. Não tinha muita coisa. Mas tinha ostra, sururu, filé de siri, camarão. Aí botei tudo numa panela, aquele molho de coco botei no fogo para ferver. Coloquei uma colherzinha de margarina, coloquei os crustáceos para ferver. Peguei um bocado de farinha, ai mexi uma caçarola bem grande cheia de pirão. Aí fui enchendo os pratinhos e colocando na mesa, enchendo os pratos

> grandes e colocando na mesa. As mesas não davam, pedi mesas emprestadas aos vizinhos, coloquei ficou cheias. Começaram a comer, gostaram... Perguntaram: Dona Irene que prato é esse? Queremos saber o nome do prato. Se não disser, a gente não paga. Vale meu Jesus! Meu Deus o que é que eu faço Jesus? Eu vim de lá pra cá agoniada colocando os pratos na mesa ... Dona Irene, qual é o nome desse prato? O nome desse prato é caldeiradaaa! (SILVA, 2018, t. 03:05 s)

Observamos, que neste relato transcrito da fala de Dona Irene, podemos inferir que indiretamente esses saberes proporcionaram a veiculação de uma nova culinária, mesmo que este cardápio já preexistissem em diferentes regiões a fora, porém, essa contribuiu de forma direta no que diz respeito às políticas públicas que o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) adota para o reconhecimento de um bem popular de caráter não tangível, e que este venha a pertencer a uma determinada comunidade especifica.

Assim, essas experiências passam a valorizar os saberes prévios dos indivíduos, tornando-os seres ativos na sociedade em que vivem, fazendo com que eles deem suas contribuições de novos caminhos em busca do saber. Neste aspecto, é de suma importância que os órgãos públicos sejam perceptíveis a essas questões, no que tange esses novos conhecimentos, embora muitas vezes eles perpassem ao campo dos saberes empíricos, eles são de extrema relevância na auto afirmação do ser humano como um ser pensante e que busca se auto incluir de alguma forma numa comunidade na qual ele está inserido. Neste sentido, o IPHAN valoriza esses saberes a partir de suas políticas públicas adotadas por ele em seu departamento junto aos órgãos públicos de valorização desses bens não tangíveis. Assim o

> Departamento do Patrimônio Imaterial, como já diz seu próprio nome, cuida da natureza dos bens culturais de natureza imaterial. Na preservação deste tipo de bem cultural importa cuidar dos processos e práticas, importa valorizar os saberes e os conhecimentos das pessoas. São os ofícios e saberes artesanais, as maneiras de pescar, caçar, plantar, cultivar e colher, de utilizar plantas como alimentos e remédios, de construir moradias, as danças e as músicas, os modos de vestir e falar, os rituais e festas religiosas e populares, as relações sociais e

> familiares que revelam os múltiplos aspectos da cultura cotidiana de uma comunidade (BRAYNER, 2012, p. 18).

Portanto, verifica-se que neste relato oral e transcrito de Dona Irene concedido no formato de entrevista, serviram para registrar a sua memória, e a sua história de vida no que diz respeito ao bem criado de caráter cultural. Identificamos que através dessas transcrições, os relatos orais servem para evidenciar a construção de novos documentos orais, escritos ou de imagens, e que nestes aspectos serviram para construir a identidade de Dona Maria Irene como a personagem precursora na criação deste novo cardápio.

Os relatos orais da população local em torno da personagem de Dona Irene, são os registros que podem serem observados nas evidências desses fatos que circulam em torno da própria comunidade, fundamentando o caráter relevante do bem patrimonial a ser analisado. E que, através desses estudos, podem proporcionar uma melhor assimilação desses pelos moradores e desta forma fazer com que as pessoas venham a ter uma compreensão global de um bem cultural que pode pertencer como símbolo de sua cidade.

2.1 Relato de entrevista de comerciante da caldeirada

A comerciante Lidiane Pereira, tem um box no polo gastronômico e comercializa a cadeirada a muitos anos. Ela mencionou que Dona Irene contribuiu de forma significativa ao município de Itapissuma, e que muitos dos moradores reconhecem a importância do legado dela para a cidade. A comerciante reconhece que ao criar a caldeirada, Dona Irene trouxe uma nova Identidade ao município, pois fez com que este fosse reconhecido no âmbito internacional.

> Dona Irene é um marco na nossa história. Hoje aqui somos onze quiosques comercializando a caldeirada onde tem história no Brasil e fora do Brasil. É uma pioneira em Pernambuco a história da caldeirada. Para nós, é uma conquista a caldeirada virá um patrimônio, porque realmente a caldeirada é a história da nossa cidade. Caldeirada, ela faz

> parte da nossa raiz. Caldeirada fez com que as pessoas nos conhecessem mais, ela nos deu mais uma identidade (PEREIRA, 2018, t. 03:03s)

O relato acima nos mostra que Dona Irene fez história, ao ser considerada um marco pioneiro desta cidade, pois a parir do momento que ela destaca essa relação, ela associa ao valor patrimonial que a caldeirada possui. Ainda segundo o seu relato, podemos inferir que ela agrega mais uma característica nova a localidade. Este reconhecimento proferido, abre a reflexão que o processo histórico de um determinado lugar está sempre em constantes mudanças, e que estas servem para que a historicidade de determinados ambientes sejam alterados devido a influência desses personagens considerados históricos, modificando culturalmente este lugar.

Essas podem serem vistas no cotidiano das pessoas, a partir do viés que é transmitido aos moradores sobre diferentes vertentes que os meios culturais sofrem as interferências do agente do meio. Esses personagens nada mais são do que os próprios cidadãos que fazem as inovações que beneficiam as pessoas que vivem em determinados territórios. Assim, desta forma, o local vai tomando suas principais características que lhe são peculiares, e que elas permitem que as pessoas vivenciem esta identidade onde quer que elas estejam, por estarem sendo reconhecidas pelo ambiente em que vivem.

Dessa forma, podemos salientar que a valorização que é dada a esta herança cultural do local onde se vive, tem que ser partir do próprio individuo, pois esta questão só terá o devido valor e reconhecimento se as pessoas da comunidade local e reconhecerem essa riqueza cultural que um bem pertencente a sua cidade pode proporcionar a essa região. Nesse aspecto, podemos inferir que essas pessoas possam construir criticamente esse objeto, e estar consciente dos bens da sua localidade, pois essa diversidade cultural se torna algo concreto a partir do conceito que é dado a cada cidadão, e de seu conhecimento que ele possui desse objeto considerado um bem de sua cidade. Mais para que isto aconteça de fato, é necessário que as pessoas tomem conhecimento do valor que este bem cultural proporciona, e assim assumirem o compromisso de fazer que este bem de caráter não tangível seja reconhecido pelos

órgãos competentes que regem na valorização e reconhecimento desses bens. Esses saberes populares adquiridos pela cozinheira Maria Irene, são o ponto de partida para que a caldeirada criada por ela seja reconhecida como um patrimônio imaterial. Nos últimos anos, o IPHAN, adotou uma política de valorização que leva em consideração esses saberes populares de indivíduos que fizeram história em suas comunidades. Mediante essa perspectiva, (GUILLEN, 2014) afirma que

> Nesta última década, em decorrência das políticas públicas formuladas pelo IPHAN, diversos bens da então denominada ´´cultura popular´´ foram reconhecidas como patrimônio imaterial do Brasil, a exemplo dom Samba de Roda do Recôncavo Bahiano, Oficio das Baianas do Acarajé, Jongo do Sudeste, Frevo, Feira de Caruaru, Tambor de Criola do Maranhão, Roda de Capoeira, dentre outros. Todos esses bens, para serem reconhecidos, passaram por um processo de inventário cultural, que consiste num sistemático trabalho de levantamento do saber acumulado sobre o bem, assim como na produção de novos saberes e sistemática documentação do mesmo (GUILLEN, 2014, p. 643).

Neste viés, observa-se que, a autora afirma que é essencial e necessário que um bem constatado e que já faz parte da cultura de um povo, passe pelo processo de levantamento do conhecimento desse bem, sistematizando com esse saber popular que já está inserido no modo de vida desses sujeitos desse determinado lugar. Neste âmbito, cabe a gestão local formular e conceber projetos de políticas públicas de conhecimento e de valorização cultural, levando em consideração a memória de Dona Irene e o recorte temporal por ela produzido durante todo o tempo em que ela esteve à frente da caldeirada de sua autoria.

O relato de Lidiane nos direciona que ela possui reconhecimento desse prato na valorização da sua comunidade local, e que a mesma deu continuidade a este seguimento na produção da caldeirada. Ela aprendeu a fazer esta culinária diretamente com a sua mestra, na qual teve a oportunidade de vê-la fazer pessoalmente, e assim, também dar continuidade ao legado deixado por Dona Irene. Ela e os demais comerciantes que comercializam no polo gastronômico de Itapissuma, sabem o valor

que Dona Irene deixou para o município, pois eles sabem que além do valor cultural que está iguaria trouxe e permitiu que Itapissuma ganhasse mais um legado no contexto historiográfico no contexto de regionalismo local. Esse regionalismo é discutido por diferentes autores, em que eles abordam a importância do saber regional da localidade onde cada um habita.

No caso de Itapissuma, este patamar está agregado a cultura local, onde está atribuído a região geográfica predominante e privilegiada no litoral pernambucano, onde está banhado pelos mares ao redor e com a visão privilegiada do canal de Santa Cruz. Os frutos do mar que são ingredientes essenciais que fazem parte da caldeirada, são retirados diretamente deste canal. Dona Irene cresceu neste cenário, e vendo essas paisagens típicas dessa região, foram fatores essenciais para que ela agregasse ao longo de sua vida nesta cidade, saberes culinários que fizeram parte de sua história. A experiência de coser peixes e crustáceos em que ela comercializava antes de ter criado a caldeirada, serviram para ela ter aprimorado ainda mais os sabores desses frutos do mar, e assim ao somar com o leite do coco, obteve o sabor e a originalidade de sua receita.

RECONHECIMENTO DE DONA IRENE COMO A PIONEIRA DA CALDEIRADA DE ITAPISSUMA

De acordo com a sua última entrevista concedida em 17 de novembro de 2018, já relatada no início deste trabalho, Dona Irene é a precursora da Caldeirada que deu destaque a cidade de Itapissuma. Ela afirmou neste relato, como criou este cardápio, a forma inusitada que deu o nome a sua receita e a maneira de como recebeu a aprovação do prato servido pelos seus primeiros clientes. A aprovação foi unânime, e assim ela acrescentou na lista de cardápios o seu mais novo prato. Logo a notícia se espalhou pela cidade, e todos passaram a querer visitar Itapissuma para conhecer a caldeirada da Irene.

Nessa premissa, ao fazermos uma análise do discurso em que se refere a historiografia de personagem através deste relato concedido por Dona Irene, infere-se que a memória dela permanece viva entre as pessoas que conviveram com ela, pois os

moradores mais antigos logo remetem a pessoa de Dona Irene como a precursora da caldeirada deste município. Neste caso, é levado em consideração o conhecimento dos moradores acerca desse personagem, pois existe um determinado conhecimento prévio acerca do assunto.

Devido a esse saber que está presente e intrínseco na memória das pessoas que moram em Itapissuma, Dona Irene teve seu reconhecimento notório neste lugar. A receita que ela criou trouxe um reconhecimento importante, que concedeu a estes uma proporção de grande relevância, mas que ainda e necessita de que os agentes do governo municipal e estadual deem mais visibilidade e continuidade ao presente cultural deixado pelo legado de Dona Irene, para que esse bem culinário possa se expandir até chegar o seu devido reconhecimento cultural.

Mas para que isso de fato ocorra, faz-se necessário ações de cunho informativo, para que as pessoas que ainda não conheçam a personagem possam conhece-la, e assim fazer parte das pessoas que podem lutarem juntas para o reconhecimento da caldeirada como um patrimônio da cultura imaterial da cidade, mas, que a memória de Dona Irene nunca venha a ser extinta ao longo dos anos.

Para isso que serve o trabalho do historiador, para que possa fazer seu papel junto a sociedade, lutando em prol para que esses personagens não fiquem fadados ao esquecimento. Dona Irene tinha a consciência de seu papel na história, pois em cada reportagem que ela concedia aos meios de comunicação de massa, ela sempre contava sua história da mesma forma, nunca se desviou a atenção dos fatos vivenciados desde a criação de sua iguaria.

Nesta abordagem, Cardoso (2007), defende que o passado e o presente dos fatos históricos devem ser acompanhados e registrados, para que se possa dar continuidade as pesquisas para obter novas informações sobre determinados objetos em estudos. Ele afirma que ao fazer esses registros, a história passa a assumir seu papel de investigação social de reconhecimento de bens culturais de caráter imaterial, onde a identificação e o acompanhamento fazem parte deste processo. Ao reconhecer esse bem, cabe aos grupos sociais darem continuidade a esse papel e realizar processos de como

serão armazenadas e registradas essas informações acerca do produto estudado. Esses documentos são fontes de informações que corroboram com a pesquisa histórica acerca da temática escolhida.

Neste sentido, é de suma importância que essa preservação documental seja feita com o propósito de acompanhá-las para identificar sua permanência e as transformações que eles podem proporcionar aos pesquisadores sobre o assunto em questão. (GONÇALVES, 2002).

A memória de Dona Irene vai permanecer sempre como a pioneira que deu vida a gastronomia da receita da caldeirada itapissumensse, pois ela foi reconhecida pelas pessoas não só de sua comunidade onde ela morava, mas pelas pessoas que passaram a conhece-la através da sua inovação gastronômica. A memória e a identidade social que ela construiu, durante a sua vida e após o seu falecimento em dezembro de 2018, servem para que agora a comunidade possa assim fazer referendos em prol da preservação dessa identidade social que ela construiu através do reconhecimento cultural da caldeirada como patrimônio cultural imaterial.

Essa políticas de valorização são adotadas para que sejam formalizadas os pedidos por parte das pessoas que queiram solicitar os registros desses acervos perante as instituições que fazem este tipo de tombamento. No caso da caldeirada, faz-se necessário que esses indivíduos reconheçam a identidade cultural que Dona Irene criou ao tornar público um cardápio que repercutiu de forma positiva na sociedade. Guillen, (2014), afirma que tipo de procedimento são feitos por historiadores, através dos pedidos de seus requerentes, que no caso são feitos pela população, em que

> A crescente patrimonialização de bens culturais nesta área tem envolvidos diversos historiadores nos trabalhos de inventário e salvaguarda. O historiador tem sido instado a atuar nas equipes multidisciplinares que promovem os inventários de modo especifico, contribuindo para compreender a historicidade do bem que está sendo inventariado. Salienta-se que é recomendado pelo IPHAN que haja a atuação de um historiador de formação para o desenvolvimento dessa função, parece-me, no entanto, que além de celebrarmos a ampliação do campo de trabalho do historiador, a recepção do tema patrimônio

> deve vir acompanhada de um pedido de emergência (GUILLEN, 2014, p. 643).

Mediante esta perspectiva, pode-se identificar que é de suma importância que o papel do historiador seja um sujeito ativo na sociedade, e que a sua contribuição no registro de novos documentos e de novos personagens que fizeram historias em suas respectivas localidades sejam mais um acervo de construção de novas identidades sociais, como um sujeito que contribuiu na formação de sua comunidade local. A memória de Dona Irene sempre vai ser uma personagem que estará atrelada ao município de Itapissuma, pois ao referir-se ao termo caldeirada, logo vem à mente das pessoas a cidade de Itapissuma, a caldeirada da Irene. A memória dela sempre estará viva na vida de todos e vai perpetuar de geração em geração.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo preservar a memória de Dona Irene, como personagem principal que contribuiu para a história sociocultural de Itapissuma – PE. A pesquisa foi abordada através de seu último relato de entrevista no polo gastronômico do centro da cidade. Foi abordado as informações que corroboraram ao processo de reconhecimento de Dona Irene como precursora da caldeirada de Itapissuma, e da caldeirada como um bem não tangível, sendo mais uma fonte de informações de contexto histórico e cultural. Pois ao direcionar um olhar mais especifico através desses registros, contribui-se para a ampliação dos estudos históricos relacionados aos bens imateriais e de reconhecimento memorial de personagem que contribuiu de forma significativa em sua comunidade local.

A pesquisa de partiu do pressuposto de que Dona Irene ao criar a caldeirada se tornou uma personagem que contribuiu na historiografia do município de Itapissuma, onde a caldeirada veio agregar valores culturais, fazendo com que a gastronomia local fosse reconhecida no Brasil e fora do país. Mediante esta perspectiva, Dona Irene através de sua caldeirada, veio contribuir para a economia local da cidade, pois ao movimenta todo o pelo pesqueiro que fornecem os crustáceos para os comerciantes que

oferecem como cardápio a caldeirada. A caldeirada de Dona Irene surgiu por volta de 1980, e desde então tem sido o atrativo de visitantes de diferentes estados do Brasil e do mundo. Maria Irene da Silva faleceu em 2018, aos 90 anos de idade. Espera-se que este trabalho seja mais uma fonte de pesquisa e que corrobore nos trabalhos que envolvam memória, patrimônio, regionalidade e gastronomia. E assim, espera-se desenvolver o senso crítico e cultural no que tange aos conteúdos históricos abordados na referida pesquisa em questão.

REFERÊNCIAS

BRASIL**. Decreto n.º 3.551, DE 4 DE AGOSTO DE 2000**. Institui o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro, cria o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial e dá outras providências. Diário Oficial, Brasília, DF, 07 jun. 2000. Seção 1, p. 2. Disponível em: http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/2000/decreto-3551-4-agosto-2000-359378-publicacaooriginal-1-pe.html. Acesso em: 22 Jul. 2020

BRASIL, **Patrimônio Cultural, Brasil, Memória Aspectos Brasil.** Memória – Aspectos sociais.

BRAYNER, N. G.. **Patrimônio Cultural Imaterial: para saber mais. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.** Brasília, DF: Iphan, 2012. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/cartilha_1__parasabermais_web.pdf. Acesso em: 07 Jun. 2020.

Entrevista. Pereira, PE, 17 de novembro de 2018. Concedida a William Gama da Silva.

Entrevista. Silva, PE, 17 de novembro de 2018. Concedida a William Gama da Silva.

GUILLEN, Isabel Cristina Martins. **Patrimônio e história: reflexões sobre o papel do historiador.** Diálogos (Maringá, online), v.18, n.2, p. 637-660, mai-ago./2014.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **O Patrimônio como categoria de pensamento. Memória e Patrimônio.** Ensaios Contemporâneos. Ed. Lamparina, 2002.

Histórico do Município de Itapissuma. Rio de Janeiro: IBGE, 2019. Disponível em: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/itapissuma/historico. Acesso em: 22 Jul. 2020.

IPHAN – **Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional- Patrimônio Imaterial**. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/234 Acesso em: 22 jul. 2020.

Panorama do Município de Itapissuma. Rio de Janeiro: IBGE, 2019. Disponível em: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/itapissuma/panorama. Acesso em: 22 Jul. 2020.